



Domingo 03/01/2016

forma o bico Singeleza, tradicionalmente confeccionado com agulha e linha

# UMA RENDA CHEIA DE SINGELEZAS

**CULTURA ALAGOANA.** Bico conhecido por aqui como Singeleza quase foi extinto, mas trabalho árduo fez com que fosse recuperado. Agora, projeto pretende subir mais um degrau e contribuir para profissionalizar produção e comercialização das peças

LARISSA BASTOS  
REPORTER

Ela quase desapareceu. Apenas as mãos de dona Marinita, na lagunar Marechal Deodoro, levavam adiante o intrincado transpassar de linhas que forma uma renda singular – e, até então, ainda pouco difundida. Só aquelas mãos, já na casa das oito décadas de vida, perpetuavam o saber da Singeleza. Isso até 2003, quando uma dupla de arquitetas teve a ideia de salvaguardar o “modo de fazer” da simpática senhorinha moradora da cidade onde nasceram os dois primeiros presidentes do Brasil.

Foi mais ou menos assim, com o projeto “(Re)bordando o Bico Singeleza”, que teve início a retomada dessa renda no Estado. O risco de extinção foi superado, novas rendeiras aprenderam o ponto e o conhecimento foi resguardado, mesmo com

a morte de Dona Marinita, em 2006. O trabalho, porém, continuou e o desafio agora era não deixar que o proclamado Patrimônio Cultural Brasileiro esmorecesse novamente.

Uma das pessoas à frente da missão foi justamente a professora Adriana Guimarães, uma das arquitetas responsáveis pelo reconhecimento no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). O feito foi apenas o pontapé para que ela se debruçasse ainda mais na permanência do bordado – tanto que agora Alagoas acaba de sair vencedor no Prêmio Universidade Solidária, do Santander.

Encabeçado pelo Centro Universitário Cesmac, o projeto “Desenvolvimento de Mulheres Rendeiras da Singeleza” pretende subir mais um degrau e contribuir na profissionalização tanto da produção quanto da comercialização de peças no município de

Paripueira. A iniciativa foi escolhida entre 400 inscritos e deve impactar aproximadamente 600 pessoas só no primeiro ano de seu desenvolvimento.

“Ele vai atender à demanda que se gerou quanto à comercialização e consequente geração de emprego e renda, atuando diretamente nas comunidades produtoras da Singeleza. Além disso, o prêmio propõe a promoção e integração entre o conhecimento gerado na comunidade acadêmica e a sociedade, através de desenvolvimento de pesquisas, produção de design de novas peças e suporte logístico, com capacitação organizacional, administrativa, de divulgação e de comercialização”, explica Adriana.

A premiação vai disponibilizar R\$ 100 mil para as ações na comunidade, até então isolada nesse fazer. Tudo porque foi apenas recentemente que um grupo de pesquisadores –

comandado pela arquiteta Josemary Ferrare, também autora do (Re)bordando – ligados ao Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) descobriram a ocorrência do bico por lá.

“Durante as entrevistas aos moradores, a rendeira Geane Valentin, 43 anos, revelou que aprendeu a confeccionar a Singeleza com a avó Luzinete Valentin, octogenária (falecida em março de 2015). A avó aprendeu com uma babá que veio da Europa, viúva de um soldado que morreu na Primeira Guerra Mundial. Essa babá estrangeira falava que ‘as viúvas da Guerra ficavam tristes com a morte dos maridos. Aí uma instituição ensinou a elas a fazer Singeleza’”, relembra Adriana.

O estudo, comenta a professora, atentou os avanços no que diz respeito à disseminação da Singeleza. Mas apontou ainda a necessidade constante de oficinas – tanto pa-

ra a formação de novas artesãs como para o aperfeiçoamento da prática e da troca de saberes. Algo que o projeto premiado pretende fazer a partir de agora. Mas não para por aí: uma série de impasses começou a exigir ainda mais atenção.

“Entre eles, a dificuldade na composição dos preços dos produtos confeccionados, a necessidade do desenvolvimento de estudos voltados para uma melhor apresentação das peças, a adequação ao dinâmico mercado da moda e o gerenciamento interno promotor do negócio. As iniciativas que promoveram a salvaguarda, portanto, foram de suma importância para a permanência da Singeleza, mas as demandas identificadas junto aos núcleos produtores carecem de atenção e ainda exigem ações institucionais para a consolidação do saber tradicional”, completa a profes-

sa Adriana Guimarães.

Para isso, as rendeiras receberão capacitação técnica, por meio de treinamentos em desenvolvimento de acabamentos e de peças de design, com a ajuda de estilistas, e também ampliarão os conhecimentos em áreas como Administração, Contabilidade e Direito, com o assessoramento de estudantes do Cesmac.

A coordenadora, entretanto, já enxerga diferença no fazer dessas mulheres. E tem uma esperança: que mais rendeiras sejam descobertas pelo Estado – o Inventário Nacional de Referências Culturais está passando pelos 102 municípios alagoanos registrando saberes locais. “No Brasil, hoje sabemos da ocorrência em Minas Gerais, São Paulo e no Paraná. Quem sabe não chegamos a outras guardiãs da Singeleza?”.

Dona Marinita bem que agradeceria!

## SINGELEZA É SIMILAR A RENDA CONFECCIONADA EM CIDADE ITALIANA

Apesar de superado o risco de extinção, Adriana Guimarães diz que, mesmo atualmente, a produção da Singeleza ainda é limitada. Durante os 12 meses da pesquisa que instruiu o Registro do Modo de Fazer do bico, realizada em 2009, foram encontrados grupos que levavam o saber adiante somente em Marechal Deodoro, Água Branca, Viçosa, Paulo Jacinto, Coqueiro Seco e Maceió. Agora, Paripueira também faz parte desse rol.

O longo processo para que se chegasse a esse ponto começou ainda em 2003, com a elaboração do projeto (Re)bordando o Bico Singeleza. O objetivo era salvaguardar – a partir

da transmissão do legado de D. Marinita – o modo de ‘saber’ do bordado tecido sob uma trama singela.

Os desdobramentos do primeiro passo resultaram na proposição do registro junto ao Iphan, além do pedido de que fosse reconhecido como bem imaterial brasileiro. Em 2012, mais uma descoberta: Adriana e Josemary estiveram na cidade de Latronico, na Itália, para saber um pouco mais sobre o bordado.

“Após contato estabelecido com a fundação italiana Il Tassello, estivemos em Latronico, onde atestamos a similaridade do ponto com a técnica do Puntino ad Ago (como é chamado na Itália). As

pesquisas realizadas pela fundação atribuem a origem do Puntino ad Ago ao arcabouço cultural deixado pela Magna Grécia, como consequência do intercâmbio comercial levado a cabo pelos gregos no território”, explica Adriana.

A visita ainda resultou em um convênio de Cooperação Técnica com a Universidade Federal de Alagoas (Ufal) para reforçar a Solicitação de Inscrição de ambos os bens culturais – a italiana Puntino ad Ago e a brasileira Singeleza – como patrimônio da humanidade. O pedido foi feito à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).

E as apostas correm ain-

da por outro caminho: pela possibilidade de os dois conhecimentos serem, na verdade, um só. Tanto que, em abril de 2015, duas antropólogas da Universidade de Potenza-Basilicata, Vita Santoro e Antonella Lacovino estiveram na capital alagoana averiguando a hipótese de que a transmissão desse saber-fazer tenha se dado por meio da imigração durante a Segunda Guerra.

“Durante os meses em que as pesquisadoras aprofundaram os estudos em Alagoas, se descobriu o bordado também em Portugal, com a denominação de Renda Chilena, o que sugere que a prática se estende a outros locais da América do Sul”.

Em dezembro do ano passado, uma renda com as mesmas características foi descoberta na Argentina. “Enquanto os trabalhos de pesquisa continuam, fica evidente a relevância do ofício como bem tradicional cuja transmissão geracional transcende fronteiras e se manifesta como fio a tecer histórias, costurar culturas, alinhavando e aproximando povos”, complementa a coordenadora do projeto realizado pelo Cesmac.

Depois de trabalhar durante 11 anos com a preservação do patrimônio cultural alagoano na Secretaria de Estado da Cultura, ela opina: é mesmo essa identidade coletiva, a rica tradição alagoana, a

principal importância da quase perdida Singeleza.

“A Singeleza representa a rica tradição alagoana na confecção de bicos, rendas e bordados. Significa ainda a importância dos saberes transmitidos de forma geracional. Relaciona-se ao universo imaterial das linhas e pontos, da pesca e de seus conhecimentos seculares. Chama a atenção também para a questão da apropriação difusa e de suas relações territoriais, a continuidade histórica promovida pela imigração e a construção de processos culturais que formaram a sociedade brasileira. Por fim, o reconhecimento do ser humano como ‘suporte’ do bem cultural imaterial”.